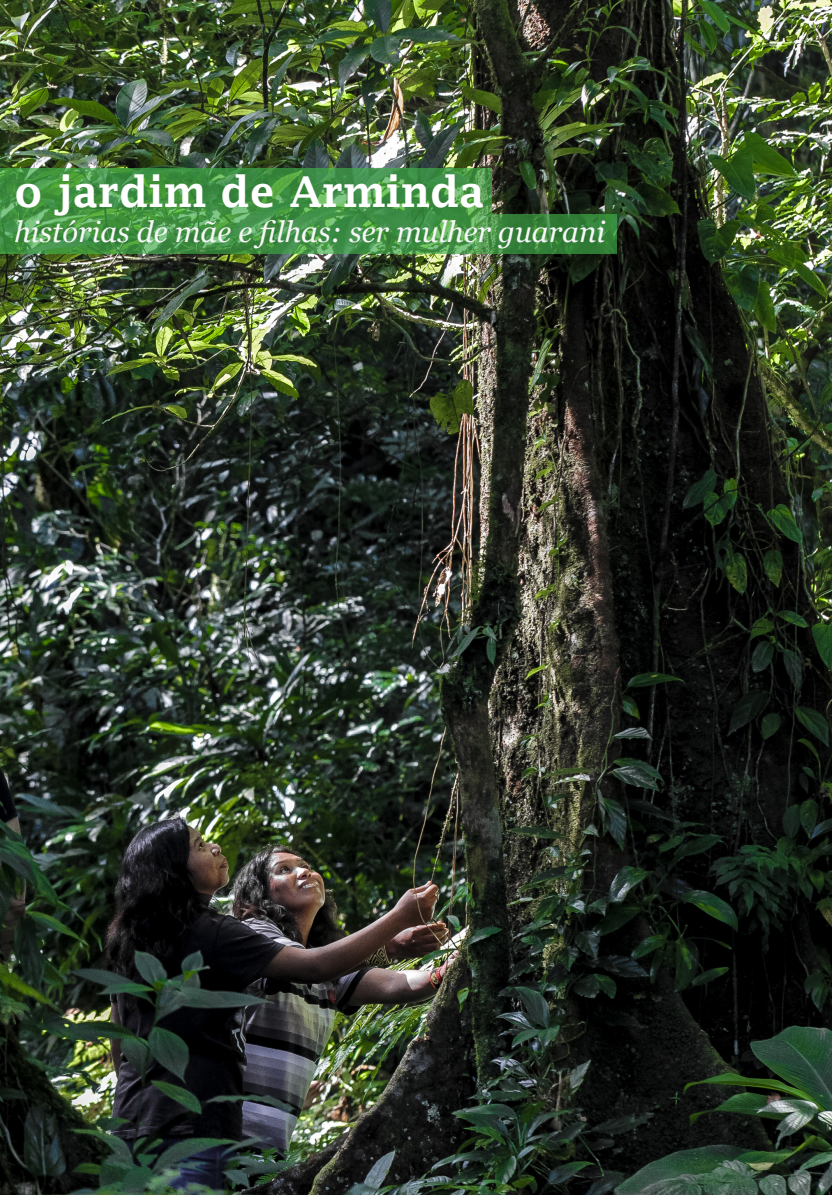


o jardim de Arminda

histórias de mãe e filhas: ser mulher guarani



o jardim de Arminda
histórias de mãe e filhas: ser mulher guarani

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

Curso
**Produção e Gestão de
Projetos Culturais em Áreas Indígenas**

Orientação e coordenação do curso

Marina Marcela Herrero

Ulysses Fernandes

Grupo de trabalho - Saúde da mulher guarani

Ana Rosa Guimarães Bastos Proença

Carolina Margiotte Grohmann

Larissa Laviano de Souza

Maressa Machado

Mayra Vergotti Ferrigno

Entrevistadas

Arminda Para Poty

Solange Keretxu Yvoty Mirim

Vanessa Para Yvoty Mirim

Articuladores

Cristine Takuá

Carlos Papá

Cadu de Castro

Edson Martins Moraes

Sumário

Apresentação e agradecimentos	08
Mapa	12
Onde estamos e como falamos	16
Arminda Para Poty, a flor do oceano	22
O jardim de Arminda	28
A pequena flor: a breve história de Vanessa	32
A pequena beija-flor: a história da Solange	34
Coexistir: saúde da floresta e da cidade	38
A floresta como cura	47
Notas finais	54
Referências bibliográficas	58

Este livreto é dedicado a todas as mulheres e meninas da Aldeia Rio Silveira. Dedicamos também às suas parentes guarani, que vivem em diversas localidades do continente americano. Ele se dirige às mulheres de diversas etnias, que se unem através de laços sagrados, das lutas por terras, pela mãe Terra e pelas forças materna e espiritual.

apresentação e agradecimentos

Este livreto, feito a várias mãos, é fruto do trabalho de conclusão do curso Produção e Gestão de Projetos Culturais em Áreas Indígenas, que ocorreu no Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc São Paulo, no período de 07 de junho a 17 de agosto. Após as aulas teóricas e reflexivas no CPF, foi realizada uma imersão vivencial na Aldeia Guarani Rio Silveira, na Terra Indígena Ribeirão Silveira, localizada em uma área litorânea do Estado de São Paulo, que abrange cidades como Bertioiga, Salesópolis e São Sebastião.

Antes da imersão em campo, entre as atividades que ocorreram em sala de aula, o curso contou com a presença de Cristine Takuá e Carlos Papá, lideranças de um dos núcleos da Aldeia do Rio Silveiras. No CPF, nos relataram um pouco da realidade, da cosmologia e das condições atuais de sua terra indígena.

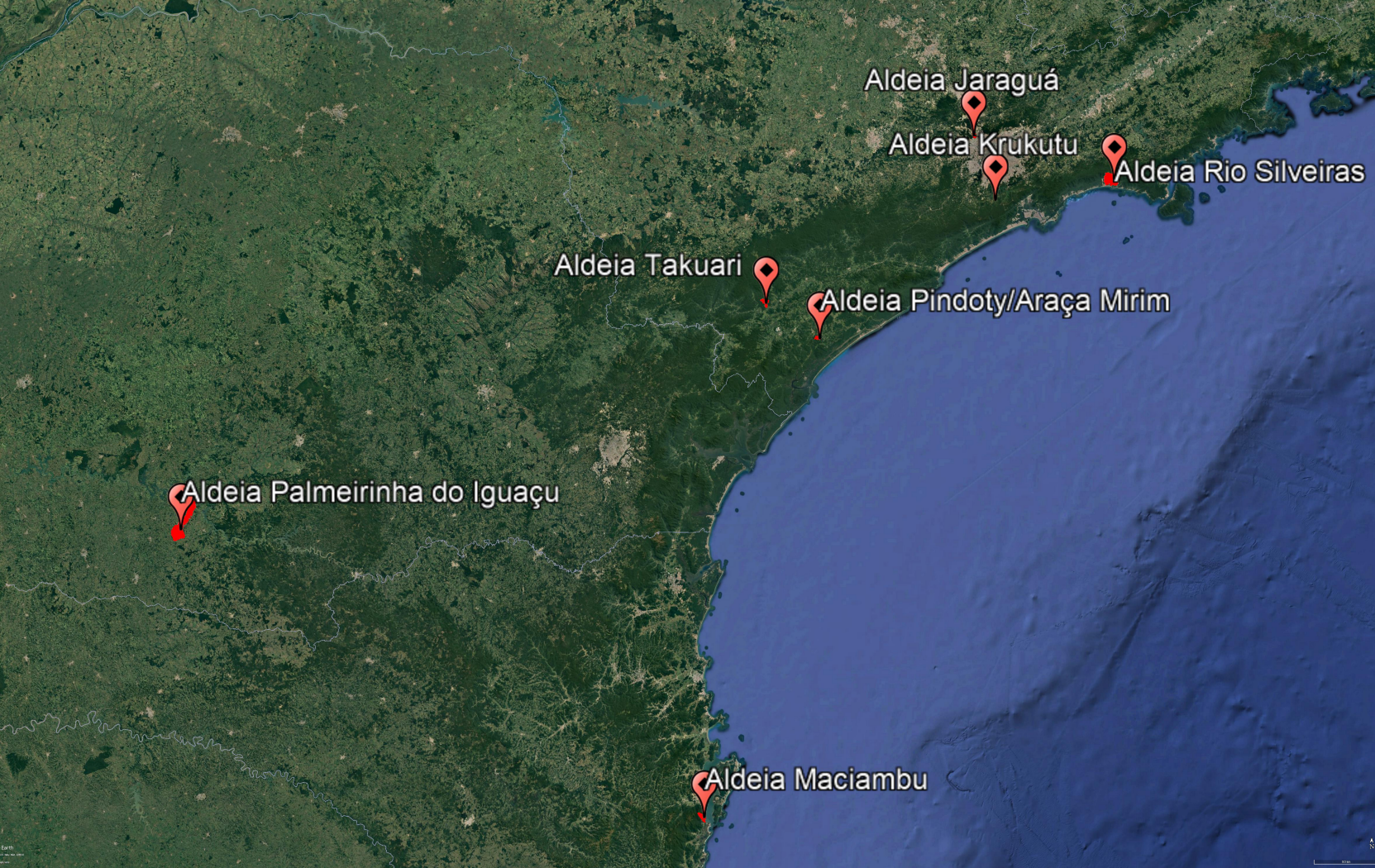
Por suas narrativas, percebemos que poderíamos orga-

nizar em quatro eixos temáticos as preocupações atuais das lideranças em relação à aldeia: a saúde (com ênfase na saúde da mulher indígena e a relação da saúde tradicional com o posto de saúde municipal localizado na aldeia), a espiritualidade (como algo central na identidade e modo de ser guarani), a educação (a relação da aldeia com a escola pública especial localizada dentro de seu território) e a relação com orquídeas e plantas ornamentais (como uma das fontes atuais de geração de renda na aldeia), sendo este eixo construído posteriormente aos demais.

Este livreto nasceu especificamente à demanda do tema da saúde da mulher guarani e se propõe a narrar temas como: conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais e seus usos, a relação com o nascimento, o parto e os cuidados femininos com o corpo. A partir de conversas com três mulheres guarani, mãe e filhas, moradoras recém chegadas na aldeia Rio Silveira e com uma funcionária do posto de saúde local, o relato que se segue é baseado em entrevistas e na observação direta por três dias de imersão na aldeia, no período de 20 a 22 de julho de 2019.

Agradecemos a Aldeia Rio Silveira por nos receber e, em especial a Arminda, Solange e Vanessa, com quem conversamos com mais profundidade; a Cristine Takuá e ao Carlos Papá, pela mediação com os demais membros da aldeia; a Marina Herrero e ao Ulysses Fernandes pela condução do curso; ao Sesc São Paulo por proporcionar essa experiência rica de encontros culturais; a todos os envolvidos direta ou indiretamente na construção desse curso, em especial a GEPROS (Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo), ao CPF, ao Sesc Bertioiga e a todos os palestrantes convidados.





>> Localização das aldeias citadas neste livreto.
(Adaptado de FUNAI, elaborado no Google Earth)

*Nós não somos guardiãs da natureza,
somos a natureza.*

Sonia Guajajara

onde estamos e como falamos

É domingo. O tempo aberto e a estrada de terra são convite para um passeio em família: turistas em carros com placas de São Paulo e região metropolitana passam com olhos curiosos. Um pára e pede confirmação: *“Pra chegar na cachoeira é por aqui mesmo?”*. *“Pode seguir. No fim dessa rua, tem um portão da Sabesp. Entra uma rua antes, à direita”*. É o único caminho possível.

Estamos na Aldeia Guarani Rio Silveira, em Bertiooga. A pé, fazemos o mesmo trajeto. Um pouco mais à frente, depois de virar à direita, chegamos à casa da família de Arminda. Ainda é de manhã e uma senhora branca, de saia comprida, está sentada à frente da casa. Ao seu lado, Arminda e a filha Solange nos saúdam sorrindo, como quem pede um tempinho mais

de espera. Elas serão nossas anfitriãs nos próximos dias.

O som do rádio acompanha a indolente fumaça que paira o telhado: ambos anunciam a vida dentro de casa. Como é julho, além dos turistas na Aldeia, as casas também estão cheias de visitas de férias. Junto às mulheres, um gato preto viçoso, peludo, encara a agitação matutina com tédio e desconfiança. É o Bolt.

Depois de um copo d’água, enfim a mulher se levanta e, do carro, despede-se com a promessa da volta: *“Até semana que vem!”* e toma o caminho oposto dos demais carros, sentido estrada. A placa é de Bertiooga. Custa um tempo para que Arminda nos conte sobre a visita. *“É a moça da igreja. Todo domingo ela vem. Lê um pouquinho para a gente.”* A família de Arminda é nova na Aldeia. Recém-chegada há dois meses, ainda está se adaptando ao território.

A Aldeia Rio Silveira faz divisa com os municípios Bertiooga e São Sebastião. Da estrada, a placa indicando a Terra Indígena (TI) Ribeirão Silveira torna o acesso fácil: sua entrada dá-se no quilômetro 183 da rodovia Manoel Hipolyto Rego. Por isso, é frequente a presença de turistas, com agência ou sem. Não é preciso autorização para entrar na TI Ribeirão Silveira. Cada vez mais, é frequente a visita de turistas, seduzidos principalmente pelas cachoeiras. Solange não liga muito para isso, a não ser quando revelam arrogância.

“Às vezes as pessoas de fora passam em frente de casa

e ficam tirando fotos. Aí eu não gosto muito. Oxe, por que tá tirando foto? Tem tanta coisa bonita pra fotografar na aldeia! Pode tirar foto de outras coisas, mas não da minha casa. Eu fico incomodada.”

Os olhos de curiosidade dos carros dizem muito sobre o desconhecimento e o distanciamento dos não-índios com os índios. São muitos os que não aceitam pagar para usufruir das cachoeiras da Aldeia. São muitos os que ainda revelam uma arrogância colonizadora. São muitos os que ainda cobiçam o território e não enxergam a floresta como um ser vivo.

Os 948 hectares (pra facilitar: 948 campos de futebol) de território homologado de Mata Atlântica conservada também é desejo para a exploração de recursos. A Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo) tem uma Estação de Tratamento de Água (ETA Boraceia) dentro do território da reserva indígena. A água é captada no afluente do Ribeirão Pedra Branca e abastece bairros do município de Bertiooga.

Além disso, existe um conflito com a Sabesp devido ao processo de licenciamento para a obra de transposição dos rios Itapanhaú e do Ribeirão Sertãozinho (este mais próximo da Aldeia), que fazem parte da Bacia Hidrográfica do Rio Itapanhaú. A justificativa é reforçar o sistema de abastecimento da Região Metropolitana de São Paulo, transferindo a água da bacia para o reservatório de Biritiba-Mirim, que integra o

Sistema Alto Tietê. Apesar da licença de instalação ter sido liberada, por pressão popular, por enquanto a implantação está paralisada. Os impactos negativos gerados são graves e afetam direta e indiretamente áreas já fragilizadas da Serra do Mar, e, especialmente, a dinâmica das famílias que vivem no território indígena e dependem do equilíbrio do ecossistema para continuarem a existir.

Apesar de paralisada, a obra deve acabar sendo liberada, em prol da manutenção do abastecimento de comunidades que estão muito distante da realidade daqueles que têm suas vidas afetadas na promessa de um “bem maior”. Este, afinal, é um discurso bastante comum no debate sobre uso de recursos naturais no Brasil, tão latente nos dias atuais, o que nos faz compreender como nossos hábitos de vivência e de consumo podem causar conflitos e alterações nas dinâmicas de vida de outros. Desde 2010, a TI Ribeirão Silveira está com processo paralisado em função de decisão judicial para a homologação de 8.500 hectares.

Na TI Ribeirão Silveira, 120 famílias das etnias guarani, guarani mbya e guarani ñandeva se dividem nos cinco núcleos do território. A família Marcelino mora no Cachoeira, destino final de todos os carros de turistas. Há um ponto de estacionamento, depois da casa de Arminda.

Para chegar ao começo da trilha da cachoeira, o núcleo é percorrido a pé: algumas casas, o campo de

futebol e, por fim, a casa de reza. Construída de taipa, ela recebe a aldeia para rituais guarani e é também moradia para uma senhora parteira, que tem a cama colada à parede. É um espaço de acolhida. Crianças se sentem à vontade no escuro iluminado por tímidos raios solares que tomam forma no encontro com a fumaça de uma fogueira junto à porta. Na casa de reza acontece diariamente, ao fim do dia, os rituais guarani. No inverno, eles são mais curtos: assim que o Sol se põe, o frio chega. Quando é verão e o frio não é ameaça, os rituais costumam durar até o primeiro raiar do dia seguinte.

A família de Arminda não frequenta a casa de reza. Por respeito ao uso do fumo nos rituais guarani, seu marido critica seu uso banal, inclusive pelos mais jovens, no dia a dia na Aldeia. Por isso, prefere se omitir das rezas diárias. “*Lá no Paraná, a gente fumava para passar a fome.*” Há, portanto, muito respeito pelo que um dia já foi amparo.

Não há julgamento na fala de Arminda sobre a visita dominical da senhora religiosa. O que mãe e filha deixam de fazer enquanto escutam a bíblia? Por que Arminda e Solange não recusam a visita? Aparentemente, não há desgosto, tampouco gosto. Mãe e filha não enxergam maldade na presença da mulher de saia comprida. É inerente às duas a acolhida ao que é diferente.

Ao mesmo tempo, a família recém-chegada é

alma nova no pedaço. Por que ainda há um deslimite entre a receptividade dos índios e a imposição religiosa dos brancos?

É também pelo reconhecimento da importância do diferente que Arminda nos recebe. Disposta a responder nossas perguntas, nos acalma a ansiedade: “*Podem perguntar o que quiserem. Estou acostumada a responder*”. Não revela submissão, mas um saber consciente da importância da fala. Do compartilhar.

Seu tom de voz dita o avançar da conversa. O tempo da espera entre a resposta e a próxima pergunta. Mas ela nos ensina outra comunicação, a que não tem palavra. Deve-se também interpretar os olhares, a postura, o riso.

Arminda, poucos anos a mais que nós, outras cinco mulheres, nos mostra uma vida que parece vivida em noventa. Mas eis uma mulher de 34 anos, mãe de seis filhos, casada aos 13 com um homem de 38 anos, na época.

Por dois dias, Arminda foi nossa anfitriã. Ao fim do segundo, era nossa amiga. Queríamos poder voltar no dia seguinte para continuar a cantar, a brincar e a sorrir. Para continuar a aprender sobre a vida e deixar que a prosa termine em riso.

Das outras formas de comunicação que aprendemos com Arminda, a mais bonita era o sorriso. Arminda nos abraça ao sorrir.

Arminda Para Poty, a flor do oceano

Iñengue: o transformar-se em mulher

Para os guarani, a vida tem início com o nascimento dos gêmeos Sol e a Lua. Tudo o que acontece, é reflexo deles. Quando ainda estavam sendo gestados, sua mãe foi perseguida por onças na floresta. Onça sente, de longe, o cheiro de mulher. Por isso, grávida não pode sair sozinha ao entardecer e à noite. Deve sempre estar acompanhada. O resguardo é importante. O perigo é real.

Quando a menina menstrua pela primeira vez, deve anunciar o acontecimento aos mais velhos. Antigamente, o anúncio não era consciente, mas sim compartilhado em desespero: por nunca ter sido preparada para a menarca, a menina procurava alguém que pudesse diagnosticar o que era aquele sangue. Assim

aconteceu com Arminda.

“A gente é pega de surpresa, né? Eu fiquei muito assustada quando fiquei menstruada pela primeira vez. Os meus avós não me contaram que isso ia acontecer. Depois, quando aconteceu, eles me explicaram: ‘É normal, você vai virar mulher. Vai ser assim com todas!’ Assim, fui me acostumando.”

Arminda foi criada pelos avós na Aldeia Palmeirinha do Iguaçu, no Paraná. Por isso, era obrigação contar a eles o que acontecia em sua vida. Aos 13 anos, o sangue fez dela uma iñengue, mulher pronta para gerar vida. Entre os guarani há um ritual de isolamento, que marca a passagem da menina para a vida adulta.

“Passei a primeira noite na casa de reza. No dia seguinte, meus avós cortaram o meu cabelo e enterraram debaixo de uma bananeira. Assim, o novo cabelo ia nascer bonito. Depois, fiquei isolada por suas semanas. Como eu estudava, isso pra mim foi bastante tempo. Eu não podia sair de dentro da casa. Não podia ficar no vento, no frio, não podia tomar banho de água gelada. Vocês já ouviram falar em metamorfose? Quando alguém se transforma em bicho? Então, antigamente diziam que isso podia acontecer. Meus avós me contavam que não podia tomar banho na cachoeira porque ia virar sereia. Eu era proibida de tudo e tinha que obedecer.”

O isolamento era uma forma de resguardo, para evitar que fosse perseguida por algum bicho. Bem de longe onça pode sentir o cheiro de sangue. Durante

as duas semanas, antes dos avós irem para a lida, eles deixavam uma bacia com mistura de cinzas com água morna para que Arminda pudesse se lavar. Era um jeito de diminuir em seu corpo o cheiro de mulher. Então, dos perigos da floresta, ela ficava livre - ainda que dentro da casa.

“Eu ficava dentro de uma casinha bem fechadinha. Não podia ter um buraquinho! Era feita de barro e só tinha uma portinha pra eu entrar e ficar. Na hora de comer, minha vó trazia um pouquinho, um pouquinho só, de comida. E quando eu precisava ir ao banheiro, me cobria para não pegar vento. Durante o dia, eu fazia artesanato, comida. Aprendia a costurar.”

O isolamento é uma época para aprender. A menarca é o anúncio de que a mulher está pronta para gerar vida. E, por isso, deve saber do funcionamento de uma casa e também do seu papel social. Sobre o corpo, o que até então não fora falado, é transmitido de uma só vez: nas duas primeiras menstruações, é proibido comer carne de porco para evitar ataque epilético e carne de vaca para evitar tontura e dor de cabeça. Caso tenha cólica, basta o chá de carobinha (paraparay). Não se esqueça: o sangue vem todo mês. Nesses dias, pode pôr um paninho, lavá-lo a cada uso e, quando ele não servir mais, queime-o na fogueira.

O fim do isolamento trouxe a rotina de volta. Afazeres domésticos, escola. Arminda continuava uma menina. Uma menina que olhava para a Lua para pre-

ver o próximo sangue. Mas seus avós sabiam que a vida precisava seguir. Para uma mulher que já sangra, há que se arranjar um marido.

“Pra falar a verdade eu ainda era uma menina. Era uma menina, vamos dizer assim, pura. Meu marido veio de outra aldeia do Iguaçu. Meus avós escolheram ele. Eu não tinha o que pensar, eu não sabia de nada. Me pegou de surpresa. Mas meu casamento deu certo: estamos juntos até hoje!”

Quais são as visitas definitivas em uma vida? Enquanto Arminda ainda entendia seu novo corpo, Manoel era homem formado de 38 anos, carregando a luta pelas demarcações das terras indígenas. Talvez como os ancestrais, em busca pela Terra Sem Mal, Manoel já tinha uma vida de muitas estradas. Quando chegou na Aldeia Palmeirinha para visitar um tio, foi admirado pelos avós de Arminda, que desejavam à neta uma boa vida.

“Meus avós me falaram: “Minha neta, agora você tem um pretendente. Você vai casar!” Eu pensei que seria com um rapaz da minha idade, mas não. Quando eu vi que era com alguém mais velho, me assustei.”

Por seis meses, Arminda e Manoel se conheceram. Até que chegou o dia da festa: dança, cantoria e todos juntos na casa de reza. Beiju, fubá, canjica, feijão. Arminda vestida com roupa feita de imbirá, um cipó resistente usado para costurar roupa. Terminada a festa, já nos primeiros minutos do dia seguinte, a menina



>> Arminda ainda está conhecendo o território da Aldeia Rio Silveiras. Chegada há poucos meses, sabe que não vai encontrar todos os remédios da floresta que precisa: “Cada planta tem em um lugar”. Na página XX, apresentamos um levantamento das plantas medicinais que encontramos.
(Carol Margiotte/2019)

Arminda era só sono: caiu na cama e dormiu.

“Ele teve muita paciência comigo. Eu não sabia de nada! Esse era o problema. Eu não sabia de nada. Era uma situação terrível! Demorou muito pra gente se acostumar junto. Eu era uma criança. Agora não, o tempo mudou. Hoje, a gente conhece a lei, nossa cultura está moderna.”

Leitor, releia a última fala de Arminda. Inclua risos a cada período. “Situação terrível” foi dita entre risadas. Pode ser que, na época, Arminda sentisse medo. Pode ser. O que um dia pode ter sido pânico, o tempo suaviza e transforma em amenidades.

Mas se Arminda nos conta, é preciso atenção. E faz questão de contar a revolução silenciosa na vida das mulheres guarani:

“Hoje, as meninas se casam com rapazinhos da idade delas. Com grande diferença de idade, acabou. E eu converso com minhas filhas. Se me perguntam, eu respondo. Principalmente a Solange, que se aproxima mais de mim. Ela tem 15 anos e sempre me pergunta o que acontece num casamento. Falo que ela pode escolher. Se ela e o rapaz se gostam, a gente vai deixar namorar. A gente não pode forçar nada.”

o jardim de Arminda

O ser guarani se resume ao compromisso com a palavra. Tudo recebe um nome a partir do seu sentido: corpo, por exemplo, é yvara reté, água e terra. A palavra é seu sentido. Água e terra formam a vida: a partir do barro, nasce a humanidade em forma de corpo. Vive-se quando se tem água, vive-se quando se tem terra. Da terra, originam-se outras vidas. Pelo nome, revela-se o ser batizado. Assim aconteceu com as filhas de Arminda e assim acontece com o povo guarani. Quando uma criança nasce, cabe ao xeramõi¹ sonhar

1 Xeramõi (lê-se tcheramói) pode ser traduzido como “meu avô”. Para os mbya guarani, os líderes são os mais velhos, porque eles têm mais experiência e conhecimento da cultura e das esferas da vida. Por isso, eles são os membros mais importantes da comunidade. Os xeramõi também podem ser pajés, que são as lideranças comunitárias responsáveis pela transmissão da tradição aos mais jovens.

com aquele que será seu nome guarani. Para aquilo que a criança nasceu destinada a viver.

São, portanto, dois batizados: um, que vem premeditado, a partir da escolha dos pais ou da família. É o nome genérico, para atender o mundo dos não-índios; e o guarani, que pode ser trocado, caso os pais percebam que a criança não ficou feliz com ele (o bebê fica choroso, sem apetite, apático).

O nome Arminda tem origem germânica e significa “a mulher que possui armas”. Ela não sabe o porquê da escolha do seu nome genérico, mas como o viver guarani exige, ela vive seu nome. Cada um luta com as armas que têm em mãos e, no caso de Arminda, disse o xeramõi que ela teria um jardim. E que, para fazê-lo florir, precisaria de tempo, espera e muito cuidado.

Quando Arminda estava grávida, o então xeramõi sonhou com quatro meninas num campo florido no meio do oceano. Ainda em sonho, Nhanderu disse: “*Minhas filhas, agora vocês vão para a terra viver!*” E foram quatro as gestações seguidas: Vanessa Yvoty Mirim, a pequena flor, Solange Keretxu Yvoty Mirim, a pequena beija-flor, Leticia Ara Yvoty Mirim, a pequena flor do céu, e Mayra Jera Yvoty Mirim, a pequena revelação de flor.

A cada nova menina que paria, Arminda desejava que, com elas, tudo fosse diferente: que elas tivessem o poder de escolha.

“Quando eu fiquei grávida pela primeira vez, também não sabia o que estava acontecendo. Eu não sabia que estava grávida. Com dois meses de atraso na menstruação, eu falei para o meu marido: ‘Ué, por que será?’”

Na hora certa, duas parteiras apareceram para atestar o nascimento duplo: da criança, da mãe. Vanessa, a pequena flor, chegara ao mundo prematura, discreta, como que para aquietar a ansiedade das duas parteiras que não se entendiam. Vanessa nasceu como um desafio para Arminda. Pequeninha, acolhida nas mãos da nova mãe, frágil, logo pegou pneumonia.

Aqui, menina-mulher no processo de também se tornar menina-mulher-mãe, passa a se reconhecer num tormento gramatical: diante do mundo dos não-índio, ela também era a menina-mulher-mãe-índia. Guarani. E não sabia o português.

“Levamos ela ao hospital. ‘Como que eu vou contar pro médico que a minha filha está doente?’ Eles chegavam e me faziam pergunta. Eu só queria chorar. Eu não entendia o que eles me perguntavam, eu não sabia responder. Passei por tanta coisa por não falar português!”

Para o alento de Arminda, ela foi acolhida por um agente de saúde indígena. A conversa com a equipe médica foi facilitada, traduzida, mediada. Vanessa ficou um tempo entubada, sob os cuidados médicos da cidade. Arminda não saiu do seu lado.

Quando uma nova pneumonia ameaçou aparecer, Arminda preveniu-se. Não passaria sufoco nova-

mente.

“Nem o meu nome, Arminda, eu sabia falar direito. Quando vi que tinha que levar a Vanessa de novo para o hospital, falei com uma amiga que sabia o português. Que andava pela cidade durante o dia e depois voltava para a aldeia. Ela falou que ia me ensinar. Por um mês, ela me deu aula. Se não fosse ela, até hoje eu não saberia falar o português. Mas foi difícil aprender!”

Hoje, o português sai calmo na voz de Arminda. Há uma pausa de sabedoria antes de cada resposta. Há um leve mexer na cabeça quando ela fala. Há, sempre, um sorriso de reciprocidade na troca que a conversa oferece.

Apropriada da língua que fora instrumento de dominação e repressão sobre seus antepassados, hoje é ferramenta para que não haja obediência. Arminda nos recebeu dizendo que está acostumada a responder. Já apropriada do português e sabida do desespero de outras mães diante de uma fala desconhecida num hospital, Arminda se formou também agente de saúde indígena. Quando isso aconteceu, já não era mais uma menina. Embora o corpo dissesse que sim, Arminda se fazia uma mulher forte, líder, esposa e mãe. Sem perder a ternura.

a pequena flor: a breve história de Vanessa

Quando mãe e filha nasciam, Arminda fazia morada na Aldeia Maciambu, em Palhoça (SC). Quando Vanessa, a pequena flor, completou três anos, a família deu início a uma jornada de buscas. Como não tinham recurso financeiro, foram a pé, passando de aldeia em aldeia até chegarem na Krukutu, em Parelheiros (SP).

Lá, cabia a esperança em Arminda de encontrar a mãe, separadas por tantos anos. Desde então, as duas se completam. “*Minha mãe é apegada à mãe dela. Assim como eu sou apegada demais à minha*”, confidencia Vanessa.

Nos nove anos de Krukutu, Manoel ficou no cargo de cacique por um ano. Por conta do impacto da construção do Rodoanel, lutou pela indenização. Com

o recurso, apoiou a demarcação de terra em Eldorado, na Aldeia Takuari, pra onde se mudaram em seguida. Pela falta de assistência médica, após o nascimento do penúltimo filho, o Rogério, a família muda para Paranaguá, na Aldeia Pindoty/ Araçá Mirim. Eram motivados, principalmente, pela busca de tratamento médico para o menino, que nascera com um problema nos olhos.

Aqui, Vanessa se separa da família. Ela volta para Eldorado e começa a sua busca de descobrir-se mulher, guarani. E também se torna mãe. Foram dez meses de distância da família, até que descobre que a nova morada deles é no Jaraguá. Nesse momento, a família volta a ser completa.

“Ficamos juntos por três anos, até que voltamos a nos separar: meus pais tinham seis crianças pra sustentar, não seria justo ter mais minha filha e eu. Sem contar que eu já tinha terminado meus estudos. Recebi uma proposta de trabalho em Itanhaém e fui. Por outro lado, o médico disse que faria a cirurgia no Rogério só quando ele tivesse sete ou nove anos. Até lá, meu pai pensou: o que poderia produzir numa cidade grande, mas com pouco espaço? Sem falar no medo das crianças se envolverem com bebida alcoólica ou até mesmo com droga, enquanto o que ele queria é que todos estivessem em contato com a natureza. Foram para a Aldeia Rio Silveiras, terra já demarcada. Por isso, lá, eles não correriam mais riscos.”

a pequena beija-flor: a história da Solange

A pequena Vanessa é, hoje, uma mulher. Cresceu bem, formou-se professora e segue os caminhos da mãe, como líder e sabedora das histórias guarani. Foi, inclusive, assim que ela nos recebeu no nosso último dia na Aldeia: contando histórias. Quando Vanessa fala, o mundo pára para ouvi-la. Queríamos ter tido mais tempo para ouvir aquela mulher de 25 anos. Vanessa, ela também flor do oceano, guarani, mãe, professora. Quantas vidas cabem num só corpo, numa só alma?

Quem também não se continha de felicidade em ouvir Vanessa era sua irmã, Solange. Queria aproveitar ao máximo essa visita tão esperada de férias. Na briga entre pedir chuva ou não, Solange revela sua

posição de irmã mais nova e desafia Vanessa: pega o bastão da chuva e pede ao céu - aquele céu azul tão bonito do fim do dia - que chova, que chova, que chova! Afinal, que problema teria? A irmã poderia usar suas roupas. Eram irmãs e, por isso, estava tudo bem. O que importa era a presença uma da outra.

Solange é a terceira filha do jardim de Arminda. Nasceu quando a família morava na Aldeia Krukutu, localizada entre os municípios de São Bernardo do Campo e São Paulo, no extremo sul da capital paulista. Aos oito ou nove anos, muda-se com a família para a Aldeia Takuari Eldorado e, depois, para a Aldeia Pindoty/ Araçá Mirim, todas no Vale do Ribeira. Nesta, ficaram por três anos antes de fazer a nova morada: a Aldeia Rio Silveiras.

Sente-se muito feliz na nova casa. “*Essa aldeia é muito bonita*”, orgulha-se. É com afeto que também justifica: “*Penso também na consideração que meu pai tem por essa terra. Bem lá atrás, ele acompanhou a demarcação junto ao Djidjocó. Por isso, gosto bastante daqui*”. Djidjocó, conhecido como o rezador Samuel, da sub-etnia tupi-guarani ñandeva, foi figura importante na conciliação entre as etnias guarani e tupi-guarani na luta pela demarcação de terras, inclusive a da Aldeia Rio Silveiras, na década de 80. O reconhecimento é dado também ao pai de Solange, de quem ela fala com orgulho.

Aos 15 anos, é a ela, Solange, que Arminda re-



corre quando o português falha. E Solange de prontidão oferece a tradução do guarani para o português. E vice-versa. “*Eu gosto de traduzir*”, confessa. Apesar da proximidade com as palavras, é com os números que ela cultiva afeto. Sai muito bem na matemática - “*Eu gosto de fazer contas!*” - e sonha estudar administração.

Quando sua primeira menstruação correu, foi para a mãe quem pediu ajuda. Durante o seu isolamento, aprendeu a costurar, a fazer artesanato e também a cozinhar tipá (um tipo de pão frito, feito de farinha de trigo e óleo), reviro (farofa de trigo) e banana frita. Ao fim do isolamento, soube descrever a sensação:

“É como se você saísse da caverna. Hoje, sou adulta, mas sei lá, ainda me sinto criança. Meus pais falam que eu já posso casar quando eu quiser. Mas não quero ainda. Prefiro estudar!”

>> Solange com o pau de chuva, pedindo nada mais que... chuva! “Eu quero que chova, que chova, que chova hoje!”, pedia e dançava para provocar a irmã Vanessa.

(Carol Margiotte/2019)

coexistir: saúde da floresta e da cidade

Questionada sobre a relação com a “saúde da cidade”, perguntamos à Solange sobre a frequência de ida ao posto para consulta ou exames. Com um tom certo nos respondeu: “*Não vou, não estou doente!*”. Rimos.

A resposta ligeira de Solange em primeiro momento souou apenas como uma reação a algo que lhe parecia óbvio. Em segundo momento desvelou uma cosmovisão, frente à outra que lhe perguntava já tão acostumada e dependente da saúde da cidade, afinal, por que ir ao posto se existem meios que o antecede? E isso não significa que não exista relação com a cura da cidade, pelo contrário, coexistem, até certo ponto amigavelmente, por meio de duas frentes: como pacientes

e funcionários.

Para o que da floresta não se consegue retirar e para o que na casa de reza o xeramõi não consegue curar, a cura da cidade surge, em complemento e auxílio à medicina indígena. “As doenças menos graves podem ser tratadas pelo médico “juruá” ou pelo curandeiro guarani (ou ainda um outro especialista em ervas medicinais); enquanto que as doenças de origem espiritual podem ser tratadas por um pajé”¹.

Logo na entrada, ao lado da placa que anuncia que ali é uma Reserva Indígena, já se avista à esquerda o Posto de Saúde OÔ Tentxâi Rã Reko Pygua (da tradução literal do guarani para o português, “a casa para tratar da saúde”). O posto funciona das 07h às 16h, de segunda à sexta-feira, e está vinculado à gestão do município de São Sebastião (SP). Ele é uma Unidade de Atenção à Saúde Indígena do tipo Polo Base I, ou seja, está localizado dentro de TI e possui toda a estrutura administrativa, técnica e de atendimento à saúde. É vinculado ao Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Litoral Sul².

O posto atualmente possui uma enfermeira - responsável pelo local - e dois técnicos em enfermagem. O médico do posto faleceu há poucos meses - e também ainda não foi contratado um dentista. Além deles, tem-se cinco agentes indígenas de saúde (AIS) e cinco motoristas que realizam o deslocamento da po-

1 LITAIFF, 1996, p. 108.

2 BRASIL, 2019.

pulação da reserva para o posto ou para outras necessidades que o posto não consiga atender.

O agente indígena de saúde é um indígena, membro do núcleo da aldeia em que vive e recebe formação de acordo com a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI), voltado à atenção primária à saúde na TI. Ele é o mediador entre os saberes indígenas e os “biomédicos” e entre sua comunidade e o posto de saúde³. Os cinco agentes indígenas de saúde fazem parte e representam um núcleo dos cinco núcleos da TI Rio Silveira. Eles são indicados por seus núcleos para assumir essa função e intermediam a relação dos membros do seu núcleo com o posto. A intermediação do agente indígena de saúde ocorre, por exemplo, em campanhas de vacinação ou para participação de campanhas do posto.

As mulheres da Aldeia Rio Silveira parecem possuir boa relação com o posto, sem resistência ao atendimento médico. Especificamente para a saúde da mulher tem-se: o preventivo Papanicolau, distribuição de anticoncepcionais através de receita médica, acompanhamento a gravidez, palestras sobre uso de camisinha e contraceptivos e teste rápido (teste sorológico para HIV/AIDS).

Os anticoncepcionais são, na maioria das vezes, procurados por jovens mulheres recém-casadas que vão acompanhadas da mãe para o atendimento. O mé-

dico receita o anticoncepcional e o próprio posto oferece a medicação. Antigamente, mulheres que procuravam o uso desse contraceptivo ou mesmo a laqueadura necessitavam da autorização do cacique. Porém, ainda hoje, mulheres que já tem muitos filhos e procuram fazer a laqueadura ainda necessitam de autorização do marido.

No acompanhamento da gravidez, apenas mulheres em casos de risco são encaminhadas ao hospital de São Sebastião. Para o parto, as mulheres têm preferido ir para o hospital do que ter o parto em casa. São poucas as que têm resistência ao acompanhamento médico e, conseqüentemente, optam pelo parto em casa. Ouviu-se existir ainda duas parteiras em Rio Silveiras. Para o parto em casa, a parteira tem o auxílio do xeramõi que busca as plantas necessárias ao parto ou o que mais for necessário para esse rito de dar vida, de mulher para mãe.

Com Arminda, depois de quatro gestações, foi a vez de parir num hospital, quando moravam em Eldorado. Na época, trabalhava como agente de saúde e por exigência do posto, era proibida de usar saia e vestido. Como uniforme, sempre calça.

“Eu usava bastante jeans. Pra ir pra hospital, levar paciente, acompanhar. Quase prejudiquei meu bebê por isso. Com três, quatro meses, começava a doer a barriga inteira por baixo, achei que fosse cólica. Não consegui fazer mais nada. Fiquei afastada do posto.”

³ DIEHL, LANGDON e DIAS-SCOPEL, 2012, p. 821

Com as mãos, Arminda acaricia na barriga o ponto em que a cintura da calça pressionava. Com os movimentos, encena a pressão que a calça fazia para o menino que estava sendo gestado.

“No dia do parto, senti bastante dor. O bebê não queria descer, ele não encaixava. A barriga ficava assim: não desce, só sobe! Então tive que ir para o hospital.”

No hospital, foi recebida com reprovação pelo plantonista. *“O que você veio fazer aqui?”* Não era o dia de consulta ou previsto do nascimento. *“Por que você veio?”* Ficou internada. São sutis ou escancarados os resquícios da colonização? Qual ameaça uma mulher grávida com dores pode oferecer? Arminda já era mãe de quatro meninas, todas paridas em casa. Em uma situação que fugia do seu controle, foi procurar ajuda. Se não para o hospital, para onde deveria ir?

“Não era dia do bebê nascer. O médico brigou comigo. Eu decidi ir embora no dia seguinte. Amanheceu e ele entrou no quarto. Eu, com aquele barrigão, olhei na cara dele e falei: ‘Me dá alta que eu vou embora agora! Não vou ficar aqui nem um minuto a mais! Vou embora e faço o meu bebê nascer no caminho, entre as bananeiras!’”

Para seu alento, o médico a ouviu e disse: *“Eu não vou dar alta para você. Sou outro médico, Arminda. Não é o que estava aqui ontem. Vamos fazer seu bebê nascer!”* A troca de plantão já havia acontecido. O novo médico rompeu sua bolsa e quase a conduziu para a cesária, mas Rogério, enfim, nasceu.

Para Arminda, o parto em casa é mais tranquilo e ela também fica mais calma. *“Eu nem grito. Mesmo com dor, não consigo gritar. Só na hora do bebê passar que eu grito alto, mas logo acaba. Assim acontece.”* A maior diferença também reside no cumprimento de seu papel como mulher.

“No hospital, a criança nasce e o médico faz tudo. Se ganha em casa, a gente sente um pouco mais de fraqueza porque logo em seguida a gente tem que levantar e fazer as coisas de casa.”

Nos primeiros partos, seu companheiro quem segurou sua mão e cortou o cordão umbilical. Foi ele também quem dava o sinal para que os mais velhos viessem conhecer o novo bebê, oferecendo caminho para os irmãos, proibidos de acompanhar o parto. O que vem a seguir é lembrado com orgulho de mãe que cumpriu seu papel para o bom início da vida. Foram poucas as vezes em que Arminda fez uma avaliação sobre algo. *“Essa parte é interessante”*, disse sorrindo sobre um ritual guarani pós-parto:

“A placenta do bebê fica dentro de casa. O pai cava um buraco no meio da casa e enterra. Pra sempre ficar perto da gente e a criança crescer feliz. Por cima, ele joga cinza da fogueira para não ficar com mau cheiro. Já o umbigo, a gente espera secar e guarda numa costurinha de pano. Põe num colar para a criança usar quando começar a engatinhar. Ajuda para não ficar bagunceiro. Essa é nossa cultura!”

“*Essa é nossa cultura*”: assim Arminda nos sugere um ponto final na conversa. Já é segunda-feira e há crianças para alimentar. Há a mãe para cuidar. Há a terra para ser conhecida - afinal, Arminda ainda nem sequer escolheu quais plantas quer em seu jardim. Quais remédios da floresta quer ao alcance da mão?

Ainda é um território novo, embora a intimidade com a floresta seja de uma vida. Se no jardim há dúvidas sobre o que plantar, o seu quintal está em flores. E também há uma tempestade, numa perfeita harmonia, assim como deve ser: os meninos, Rogério Wera Mirim, o pequeno trovão, e Vinicius Wera Popygua, o trovão sábio, são os caçulas da família.

Já no fim da conversa, aparece a Mayra, a pequena revelação em flor. Ela é assim: revela-se. Na roda de mulheres, como se sempre ali estivesse. Ainda é uma criança e está atenta ao que diz suas irmãs, ao que diz sua mãe. Diante de parte do seu jardim, Arminda nos diz que foi bom contar sua vida passada. Que foi bom relembrar “um pouquinho” da sua trajetória.

Desprendidas de qualquer oficialidade, a partir de então dá-se início a uma nova cumplicidade. É segunda-feira e nos sentimos ansiosas, caso nossa presença por ali cause alguma pressão pela obrigatoriedade da permanência das mulheres. “*Vocês podem fazer o que quiserem, meninas! Não se preocupem com a gente.*” Entre agradecimentos e pedidos para que voltem ao seu dia a dia, Arminda ri: “*A gente mora aqui! Podemos*

fazer o que precisamos amanhã, a qualquer hora!” E fica com a gente. E nos ensina que lembrar do passado é importante, valoriza a história. Mas que é no presente que vivemos: o que você escolhe fazer agora? Arminda valoriza suas escolhas. Arminda valoriza poder escolher. Nós nos sentimos valorizadas por, naquele momento, tivermos sido sua escolha. E então ela fica ali, naquela segunda-feira fim de tarde, beirando a cachoeira, nos ensinando cantigas. “*Seus pais cantavam pra vocês ninarem?*” Somos, agora, alvo das perguntas. “*Como eram as músicas que eles cantavam?*” Diante da mãe cantando, Vanessa se emociona. “*Hoje, sou eu que canto essa para a minha filha.*”

Há risada, há cumplicidade, há vontade de ficar. Que poder é esse que as histórias têm de nos unir? Quando sentimos que, de certa forma, ali também era nossa história, pedimos a tradução de uma música que Arminda cantava. Solange, a amante das palavras e dos números, sentenciou:

“*Nhande ka'aguyre jareko va'ekue yva'a porã nhandevy guarã yva'a porã nhandevy guarã heta va'e kuery omokanhymba nhanderu mirim oeja va'ekue 'Peme' e jery peme' e jery ore vy peraa va'ekueroko' i haguã.*” “*Na nossa floresta existia bons frutos para nós, os brancos fizeram perder tudo isso que nosso Deus deixou Brancos, saiam da nossa terra pra gente poder viver.*”

Diante do campo de futebol, do céu azul e beirando a cachoeira, nos despedimos das três mulheres guarani. Para que o jardim continue florindo. ***



a floresta como cura

Apresentamos algumas plantas medicinais identificadas e coletadas pela Arminda, pela Solange e pela Shirley Kerexu. A cada nova descoberta, uma surpresa: tantas foram as vezes que por ali passamos e não percebíamos (e nem perceberíamos!) a quantidade de remédios da floresta por todo o nosso caminho. Algumas não tão visíveis por serem raízes. Outras, com folhas exuberantes. Outras menores e mais desenhadas.

Cada uma em sua forma de ser e agir, solucionando cada sintoma que pode ocorrer em nós, mulheres, as mascando ou ingerindo seu chá.

>> Arminda, ao fundo, depois de coletar a carobinha, usada em chá contra cólica menstrual.

(Carol Margiotte/2019)



Carobinha (Parapar'y): é uma árvore nativa típica da região sudeste/sul que pode chegar até 15 metros de altura. Possui forte ação cicatrizante e na cultura guarani é utilizada para dores de cólicas menstruais e limpeza de útero pós-parto. Armindá nos contou que a forma de uso é pela infusão do chá para combater as cólicas menstruais. Já para o uso pós-parto é possível ingerir o chá ou fazer o banho de assento com a erva.

Casca de **Yari:** uma grande árvore, usada para curar um “dia ruim”. Quando a pessoa acorda mal, ela pode tomar o chá desta casca para sentir-se feliz.



Mayra Ferrigno/2019

Erva-de-São-João: é geralmente encontrada na beira da mata, campo. Na aldeia Rio Silveira encontramos essa erva na beira da estrada de terra. Na fitoterapia guarani essa planta é utilizada sobretudo nos bebês que estão muito agitados e chorosos. Pega-se um punhado da erva, macera-se e deixa repousando por algum tempo na água de temperatura ambiente, no fim do dia, coa a água e utiliza-se no banho da criança.



fotos: Carol Marsiotte/2019

Lágrima-de-nossa-senhora: é um capim que pode chegar até 1,3 metros de altura. Seus frutos são usados como miçangas para artesanato. Já os ramos, nos partos: nas primeiras contrações preparar o chá bem forte por infusão para auxiliar o nascimento do bebê.



Takua pi'i: à semelhança do uso da Aveloz, quando a mulher não quer ter filhos pode ferver a raiz desta outra plantinha, que é rasteira e encontrada no chão, e beber seu chá.

Uarandu (não sabemos ao certo a escrita para esta planta): com suas folhas, grandes e redondas, faz-se um chá (5 folhas espremidas e água) ou banho (7 folhas na bacia de água) para curar dor de barriga e febre.



Tamangué (não sabemos ao certo a escrita para esta planta): o chá de suas folhas é um remédio contra pesadelos.

fotos: Mayra Ferrigno/2019



fotos: Mayra Ferrigno/2019



Ysypo carã: conta-se que quando um homem faz sexo com a mulher e não sabe que ela está menstruada, ele pode ficar com dores na sua barriga. Essa plantinha serve para curar essa dor.



Aveloz: pode chegar até três metros de altura e apresenta elevada toxicidade devido ao seu látex. É semelhante a *Riphsalis*, porém, seus ramos são maiores e mais duros. Deve ser utilizada após o parto por mulheres que não querem engravidar novamente. Assim como a *Ripsális*, mastiga-se a ponta da planta para seu uso, evitando o contato com o látex.



Ripsalis: planta epífita que pode ser observada sobretudo em árvores antigas. Seu caule é de um verde claro e é composta de várias partes (artículos) que se ramificam. É utilizada por mulheres que querem engravidar. Quando estiver menstruada, deve mastigar a ponta da planta por três ciclos.

notas finais

Há que se considerar alguns pontos sobre esta publicação. No momento em que encerramos o texto, centenas de indígenas ocupavam o prédio da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), em Brasília, durante a I Marcha da Mulher Indígena. A ocupação ocorria para pedir a saída de Silvia Nobre, atual coordenadora da secretaria. Desde que ela foi nomeada pelo atual governo, as políticas de saúde indígena estão sendo enfraquecidas, sem contar “o atraso no repasse de verbas, o desmonte do Programa Mais Médicos e o fim da equipe de gestão (que) causou impacto nas aldeias logo no primeiro mês”¹. Falar sobre saúde

¹ Mídia Ninja. Mulheres indígenas ocupam o prédio da SESAI em Brasília. Disponível em: <<http://midianinja.org/news/mulheres-indigenas-ocupam-o-predio-da-sesai-em-brasilia/>>. Acesso em: 13 ago 2019.

da mulher indígena diante deste cenário devastador para os povos originários do país sempre nos pareceu uma ousadia, cientes das nossas limitações em campo (como acompanhar consultas, falar com equipe médica e com os agentes indígenas de saúde do posto, ter contato com mulheres de outras idades e etnias). Desta forma, optamos por encarar o tema como uma oportunidade de escuta e de troca. Assim que conhecemos Arminda, Vanessa e Solange, tão dispostas a falar sobre o universo feminino, tivemos a certeza de que seríamos nós as verdadeiras beneficiadas do projeto. Fomos privilegiadas pela exclusividade permanente do sorriso da Arminda. Pelas histórias que mãe e filha reconstruíam ali, à nossa frente. Pela chegada da Vanessa e das surpresas quando, diante de uma nova história, ela exclamava para a mãe: “*Você nunca me contou isso!*”. Fomos privilegiadas por ouvir e por recontar suas histórias. Afinal, de que falamos se não sobre saúde quando contamos histórias de mulheres que vivem na floresta? Floresta é hospital, é farmácia. Floresta é cura. E quem nela vive está em permanente tratamento, seja de alma, seja de corpo.

“*O plano é de extermínio*”: foi com esse grito recorrente que a Marina Herrero nos tirava da inércia. Porque falar de floresta e de índios é lindo. Falar dos biomas do Brasil é onírico. Está tudo tão longe, é tudo tão grande! Mas o plano é de extermínio. É passada a hora de acordar e saber que está tudo tão perto e



>> Grupo de trabalho: da esquerda para a direita, de cima para baixo: Arminda, Mayra Jera Yvoty Mirim, Maressa, Vanessa, Jaxuka Hendy, Solange, Carol, Larissa, Mayra e Ana Rosa.

está tudo tão pequeno. Que floresta e índio representam dois estados de vigilância: luta e resistência. Acreditamos, por isso, que a melhor estratégia para conseguir mais aliados para o nosso lado é contando histórias. Também por isso, nos sentimos gratas pela oportunidade de contar histórias de mulheres indígenas. Porque além da luta e da resistência, há doçura, há perfume, há acalento. É impossível não escolher estar do lado delas.

Contar histórias é uma forma de resistência. “A minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história”, assim Ailton Krenak nos acalma a alma e confirma que estamos no caminho certo.

Assim, caro leitor, cara leitora, encerramos nossa reflexão final e te convidamos a escolher: qual é o seu lado nessa guerra de extermínio?

referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs). 2019. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/saude-indigena/saneamento-e-edificacoes/dseis>>. Acesso em: 09 ago 2019.

Centro de Trabalho Indigenista, CTI. Disponível em: <<https://trabalhoindigenista.org.br/>>. Acesso em: 09 ago 2019.

DIEHL, Eliana Elisabeth; LANGDON, Esther Jean; DIAS-SCOPEL, Raquel Paiva. Contribuição dos agentes indígenas de saúde na atenção diferenciada à saúde dos povos indígenas brasileiros. Cadernos de Saúde Pública, v. 28, n. 5, p. 819–831, 2012.

G1 Santos. Justiça suspende transposição de rio de Bertioga, SP, para abastecer a Grande São Paulo. Publicado em: 18/04/2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/justica-suspende-transposicao-de-rio-de-bertioga-sp-para-abastecer-a-grande-sao-paulo.ghml>>. Acesso em: 11 ago 2019.

G1 Santos. Moradores protestam contra a transposição do Rio Itapanhaú, em Bertioga. Publicado em: 17/01/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/moradores-protestam-contr-a-transposicao-do-rio-itapanhau-em-bertioga.ghml>>. Acesso em: 11 ago 2019.

Instituto Socioambiental, ISA. Terra Indígena Ribeirão Silveira. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/en/terras-indigenas/3678>>. Acesso em: 09 ago 2019.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LITAIFF, A. O Sistema médico Guarani. Revista de Ciências Humanas, v. 14, n.19, p. 107-115, 1996.

Mídia Ninja. Mulheres indígenas ocupam o prédio da SESAI em Brasília. Disponível em: <<http://midianinja.org/news/mulheres-indigenas-ocupam-o-predio-da-sesai-em-brasilia/>>. Acesso em: 13 ago 2019.

O Gazeta. Transposição do rio Itapanhaú deve ter início no 2º semestre. Publicado em: 25/03/2019. Disponível em: <<https://www.leiaogazeta.com.br/transposicao-do-rio-itapanhau-deve-ter-inicio-no-2o-semester/>>. Acesso em: 11 ago 2019.

Portal Tratamento de Água. Transposição do rio Itapanhaú para o Sistema Alto Tietê não trará impactos a Bertioga/SP. Publicado em: 22/02/2018. Disponível em: <<https://www.tratamentodeagua.com.br/transposicao-do-rio-itapanhau/>>. Acesso em: 11 ago 2019.

SABESP. Relatório Anual de Qualidade da Água - 2018. Disponível em: <<http://www.sabesp.com.br/calandraweb/toq/2018/BERTIOGA.pdf>>. Acesso em: 11 ago 2019.

Tamoios News. A festa dos guaranis na aldeia do Rio Silveira em São Sebastião. Disponível em: <<https://www.tamoiosnews.com.br/acontece/cultura/a-festa-dos-guaranis-no-rio-silveira/>>. Acesso em: 11 ago 2019.



Este livreto fala de floresta e de mulheres. Fala de saúde e de ancestralidade. Foi tecido a muitas mãos e baseado em muitas vidas. Criado por mulheres, é dedicado à todas as mulheres e meninas indígenas, descendentes dos povos originários dessa terra, que continuam seu trabalho de passar, de geração em geração, a sabedoria de suas ancestrais.

